

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI - UESPI
CAMPUS PROFº ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LILIAN NATHACY RODRIGUES DE OLIVEIRA

INDISCIPLINA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL

Biblioteca UESPI - PHB
Registro Nº M327
CDD 370.1523
CUTTER 0492
V EX 01
Data 14 / 10 / 10
Visto [assinatura]

PARNAÍBA
2010

LILIAN NATHACY RODRIGUES DE OLIVEIRA

INDISCIPLINA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada a Universidade Estadual do Piauí como pré-requisito para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação do professor Ruy Damasceno Miranda.

PARNAÍBA
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO BIBLIOTECÁRIO
HERNANDES ANDRADE SILVA CRB-3/936

O48i Oliveira, Lilian Nathacy Rodrigues de
Indisciplina escolar no ensino fundamental / Lilian Nathacy
Rodrigues de Oliveira. – Parnaíba, 2010.
48 f.

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia, Universidade Estadual do
Piauí, Parnaíba, 2010.

Orientador: Prof. Ruy Darnasceno Miranda.

1. Ensino Fundamental. 2. Indisciplina Escolar. 3. Educação
Infantil. 4. Aprendizagem – Educação. I. Título.

CDD – 372.6

LILIAN NATHACY RODRIGUES DE OLIVEIRA

INDISCIPLINA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada ao curso de
Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí,
como pré-requisito para obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

APROVADA EM: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Ruy Damasceno Miranda
Orientador:

Prof. Esp. Maria da Graça Bittencourt Alves
Examinador Externo:

Prof. Esp. Luciane Viana Duarte Melo
Examinador Interno:

Agradeço a Deus que me concedeu força na conclusão deste trabalho, me orientando e conduzindo de forma sábia. A minha família pelo carinho e em especial a minha irmã Ana Paula, que sempre esteve ao meu lado com muita paciência, incentivando para que eu chegasse a esta etapa de minha vida. Ao professor Ruy pela orientação. As minhas amigas de grupo e aos colegas da turma, pelo apoio.

Dedico esta monografia a minha família pela fé e confiança demonstrada.

A minha querida irmã Ana Paula pelas palavras de ajuda e compreensão, em todos os momentos desta e de outras caminhadas.

As minhas amigas pelo apoio incondicional.

Aos professores pelo simples fato de estarem dispostos a ensinar.

Ao orientador pela paciência demonstrada no decorrer do trabalho.

Enfim a todos que de alguma forma tornaram este caminho mais fácil de ser percorrido.

A necessidade da disciplina aparece não por meio de autoritarismo ou arbitrariedade dos responsáveis pela condição do trabalho escolar, mas, como condição indispensável para a condução de uma prática pedagógica comprometida com a construção do conhecimento.

(Autor Desconhecido)

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é analisar as causas da indisciplina na escola São Francisco dos Capuchinhos. Inicialmente, coloca-se em discussão o próprio conceito de indisciplina, explorando-se, em seguida, algumas das suas causas. A indisciplina escolar é um fato que sempre esteve presente nas escolas. Hoje, entretanto, estas passam por um momento crítico, uma vez que a situação vem se agravando continuamente dentro e fora das salas de aula. Diante deste problema, optou-se em realizar uma pesquisa qualitativa em que os dados colhidos serão interpretados mediante a análise dos questionários. A observação teve como foco central a vivência da indisciplina na instituição pesquisada. Os principais teóricos utilizados no decorrer desta pesquisa são Parrat-Dayan (2008), Tiba (1996), La Taille (1996), Vasconcellos (1995, 2004), Aquino (1996) dentre outros. A partir dos dados obtidos através do embasamento teórico e pesquisa de campo, pode-se concluir que diversos fatores contribuem para o agravamento da problemática; mas os principais são sociedade, família, escola e professores, os quais acabam refletindo no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Percebeu-se que professores e alunos apontam como principal fator a família por não dar a educação necessária para seus filhos. Diante disso, pode-se perceber que o presente estudo deve ser continuado com o intuito de conhecer a realidade vivenciada por outros profissionais da educação, abrindo para outras instituições de ensino a fim de conhecer a realidade da cidade de Parnaíba.

PALAVRAS-CHAVE: Indisciplina. Escola. Família. Alunos.

ABSTRACT

The general objective of this work is analysing the causes of indiscipline in São Francisco dos Capuchinhos school. At first, the concept of indiscipline is discussed, exploring some of their causes. The school indiscipline is a fact always present in the schools. However, today they pass for a critical moment, because the situation is increasing on and on, inside and outside of the classrooms. So the option was choosing qualitative research in which the collected information are understood by the questionnaires analysis. The observation has had as major focus the indiscipline experience in the research institution. Some of the quoted theoreticals were Parrat-Dayan (2008), Tiba (1996), La Taille (1996), Vasconcellos (1995, 2004), Aquino (1996). From the theoretical' collected data and the local research, many causes of the indiscipline were detected. However, society, family, school and teachers are the major. Thus they influence the learning of children. Teachers and students have said that family is the major cause of the indiscipline, because it doesn't give limits to its children. The present research should continue in order to understand the reality of other education professionals, opening to other education institution knowing Parnaíba's reality.

KEY-WORDS: Indiscipline. School. Family. Students.

LISTA DE QUADRO

Quadro 01 – Demonstrativo do perfil das colaboradoras da pesquisa	18
Quadro 02 – Relação de idade das crianças pesquisadas	18

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - ETAPAS DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO DAS CAUSAS DA INDISCIPLINA ESCOLAR.....	15
1.1 A PESQUISA QUALITATIVA.....	15
1.2 COLABORADORES DA PESQUISA.....	17
1.3 CONTEXTO EMPÍRICO.....	18
1.4 OBSERVAÇÃO.....	19
1.5 QUESTIONÁRIO.....	21
1.6 CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	22
CAPITULO II – POSSIVEIS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR.....	23
2.1 CONTEXTUALIZANDO A INDISCIPLINA.....	23
2.2 SOCIEDADE.....	26
2.3 FAMÍLIA.....	27
2.4 PROFESSORES.....	29
2.5 ESCOLA.....	32
2.6 PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM E INDISCIPLINA.....	34
CAPITULO III – ANALISANDO OS DADOS.....	36
3.1 A VIVÊNCIA DA INDISCIPLINA EM SALA DE AULA.....	36
3.2 ATITUDES DIANTE DE ALUNO/TURMA INDISCIPLINADO.....	38
3.3 PRINCIPAIS CAUSAS DA INDISCIPLINA.....	39
3.4 CONCEITO DE ALUNO INDISCIPLINADO/DISCIPLINADO NA VISÃO DO ALUNO.....	42
3.5 AUTO-AVALIAÇÃO DO ALUNO ACERCA DE SEU COMPORTAMENTO.....	42
3.6 CONCEPÇÃO DO ALUNO SOBRE AS CAUSAS DA INDISCIPLINA..	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICES.....	48

INTRODUÇÃO

A indisciplina é um dos principais impasses vividos no cotidiano escolar brasileiro. Tome-se como recorte a emergência dos alunos-problema como uma das justificativas empregadas pelos educadores para atribuir as causas de tal impasse. Com o objetivo de analisar as causas da indisciplina escolar, a fim de incentivar a participação do aluno indisciplinado no cotidiano escolar, tentou-se pesquisar e descobrir as explicações mais comuns sobre as supostas causas que podem levar o aluno a não se comportar de forma adequada em atividades que necessitem de uma integração funcional com outras pessoas. Dentre tais causas, pode-se citar a permissividade da família, problemas sociais, o desinteresse pela escola e o próprio trabalho docente.

Buscou-se saber como se desenvolvem as funções da família em relação à escola, no que tange à participação dos pais no processo educativo dos filhos, além de observar as estratégias do professor na exploração de conteúdos, no intuito de despertar o interesse dos alunos à sua compreensão.

Fundamentam-se algumas propostas pedagógicas para um entendimento mais autônomo da especificidade do trabalho escolar, bem como algumas regras éticas de convivência em sala de aula, de tal sorte que se possa lançar um novo olhar sobre o ato indisciplinado, cujas interpretações mostram-se, na maioria das vezes, de maneira repetida.

É certo, pois, que grande parte dos problemas que se enfrenta com o profissional da educação; inclusive no interior da sala de aula, parece ter relação imediata com a falta de credibilidade da intervenção escolar e, por extensão, da atuação do educador e de toda a comunidade escolar na descoberta de fatores que contribuam para a indisciplina e de soluções eficazes no combate ao problema.

Ao eleger o aluno-problema como um empecilho ou obstáculo para o trabalho pedagógico, a categoria docente corre abertamente o risco de cometer um sério equívoco ético; pois não se pode atribuir à clientela escolar a responsabilidade pelas dificuldades e contratemplos de seu trabalho, ou seja, dos acidentes de percurso por assim dizer.

Na verdade, os tais alunos indisciplinados podem ser tomados como ocasião privilegiada para que a ação docente se afirme. Dessa forma, poder-se-á alcançar uma possível excelência profissional.

Qualquer pessoa ligada às práticas escolares contemporâneas, como educador, consegue ter uma razoável clareza quanto àquilo que se acostumou a reconhecer como comportamento indisciplinado. Assim é plenamente possível diagnosticar sua presença, mas não se sabe direito sua extensão nem suas razões exatas. De qualquer modo, o indício mais evidente é que existe entre o professor e o aluno uma relação desequilibrada. O aluno não aceita o professor ou a sua disciplina. O professor não consegue motivar o aluno ou despertá-lo e cativá-lo.

O aluno-problema é tomado em geral como aquele que padece de certos distúrbios psicopedagógicos, que podem ser de natureza cognitiva, (distúrbios de aprendizagem) ou de natureza comportamental. Nessa última categoria, enquadram-se em um grande conjunto de ações que chamamos usualmente de indisciplinadas.

Dessa forma, a indisciplina na sala de aula representa um dos grandes males da escola atual geradora do fracasso escolar e um dos principais obstáculos para o trabalho docente.

Tal situação já persiste e vem se agravando há quase duas décadas, pode-se acompanhar pelos estudos e pesquisas levados a efeito nas mais diversas instituições acadêmicas do país. Vários dispositivos legais são ligados para fazer funcionar regras como garantia de uma retaguarda ao desenvolvimento da criança. No entanto, a escola não está conseguindo dar conta dessa atribuição como deveria e isso está causando um mal-estar nos professores que se sentem impotentes frente a estas demandas. Tem-se que preparar o aluno para a vida, fornecer-lhes as ferramentas/conhecimentos com que poderá atuar para conduzir a civilização. E frente à magnitude do dever, vê-se nas escolas que não conseguem segurar o aluno dentro da sala de aula, muito menos despertar seu interesse pelos conteúdos curriculares específicos.

De outro lado, percebemos claramente que as medidas adotadas não têm atingido profundamente a questão, agindo mais como paliativo, para acalmar os ânimos no momento das ocorrências de indisciplina. Dessa forma, sua presença vem crescendo nas escolas e na atualidade, e apresenta não mais como um evento específico e esporádico, mais como um dos mais graves generalizados obstáculos pedagógicos ao trabalho educativo com alunos de todas as idades. O que exige antes de tudo, uma mudança de atitude não só dos professores, mas dos pais como referência na educação dos filhos.

O que se busca no caso de um exercício profissional de qualidade é uma situação/problema (indisciplina) para que se possa na medida do possível, equacioná-la,

suplantá-la, o que se oportuniza a partir das demandas difíceis da clientela (alunos).

Contextualização do problema

A indisciplina escolar é um fato que sempre esteve presente nas escolas, porém, hoje estas passam por um momento crítico, uma vez que a situação vem se agravando continuamente, dentro e fora da sala de aula.

Analisando de maneira geral o comportamento dos alunos que frequentam o ensino fundamental de 1º ao 5º ano da escola São Francisco dos Capuchinhos da rede estadual de ensino, percebe-se que a indisciplina escolar é um dos problemas que mais afeta o bom andamento da sala de aula e que é motivo da causa de tanto estresse dos educadores.

Não se pode apontar um único fator ou um só culpado pela indisciplina na escola. São tantos fatores que acabam provocando essa problemática, que é comum ficar questionando de quem é a culpa. Talvez seja de todos juntos, cada um dando um pouco de contribuição para que aconteça.

Dentro do contexto escolar, a indisciplina sempre foi um desafio a ser enfrentado por professores e demais profissionais da educação. Entretanto, tem-se observado que esse problema vem se agravando com o passar do tempo. As queixas têm sido cada vez mais frequentes. Os alunos hoje não têm limites, basta observar o cotidiano escolar, para se ver reclamações e relatos de funcionários.

Contudo, conseguir a disciplina em sala de aula e na escola, é uma grande tarefa para o ensino atual. Pois a questão disciplinar afeta o bom desenvolvimento do trabalho.

A conquista da cidadania e de uma escola de qualidade é projeto comum, sendo que no seu caminho, haverá muitos problemas relacionados à indisciplina. Enfrentá-los e superá-los é grande desafio.

Tem-se observado o interesse de futuros profissionais da educação para tentar encontrar soluções que possam ajudar a entender essa problemática, que está tão presente nos discursos e no cotidiano de todos que atuam nessa área. Observou-se que há várias indagações acerca do tema, mas a principal indagação desses profissionais sobre o objeto de estudo é: Quais as principais causas da indisciplina escolar?

Objetivos

Não se pode realizar um trabalho dessa magnitude sem antes estabelecer criteriosamente seus objetivos, pois são eles que resumem o que se pretende conseguir com a pesquisa. Devem, pois, ser coerentes com a justificativa e o problema proposto, além de deixar claro que resultados se pretendem alcançar. Seu objetivo principal é interpretar o fenômeno que observa através da análise, descrição e compreensão dos seus significados. Mas, para que este trabalho efetivamente dê sua parcela de contribuição, não basta analisar, descrever e compreender. É necessário identificar as causas do problema para só então identificar também as soluções. Foi dentro deste contexto que nasceram os objetivos a seguir expostos.

Geral

-

Investigar as principais causas da indisciplina na escola.

Específicos

- Identificar as principais causas da ~~indisciplina~~;
- Conhecer o motivo pelo qual as crianças são ~~indisciplinadas~~;
- Analisar a interferência da indisciplina no processo de ensino aprendizagem.
da arquitetura no processo de disciplina

Justificativa do trabalho

Ao longo dos anos a indisciplina escolar tem sido objeto de estudo de grandes pesquisadores na tentativa de compreender as causas dessa problemática. Diante de inúmeros fenômenos relacionados à indisciplina e do aumento significativo do problema relacionado, é importante que um tema tão polêmico seja tratado de forma científica quanto aos seus aspectos determinantes.

Atualmente a indisciplina é considerada pelos educadores como uma de suas maiores preocupações e um dos problemas centrais da escola. Esse assunto tem sido frequente nos discursos entre esses profissionais. Talvez se caracterize como um dos principais problemas enfrentados pelos professores na sua prática docente.

Para o problema, no entanto, não parece haver uma solução fácil. Isso porque a indisciplina não é reflexo de uma causa localizada. Sua dimensão torna-se ainda mais evidente no sentimento de impotência e conseqüente desistência dos

educadores em lidar com a questão. A proposta desse trabalho é trazer algumas discussões acerca das causas da indisciplina no espaço escolar.

(A questão da disciplina e indisciplina é complexa e envolve não apenas a escola e os profissionais que nela atuam, mas também a família e a sociedade. Sabe-se que para viver em sociedade é necessário haver limites, regras de convivência)

Tendo em vista as colocações apresentadas, justifica-se a presente pesquisa que tem por finalidade fazer uma abordagem sobre indisciplina escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental da escola São Francisco dos Capuchinhos, da rede estadual de ensino, no município de Parnaíba/PI; verificando suas causas para uma melhor compreensão desse fenômeno. Espera-se, então, que o estudo acerca do tema instigue os educadores a reverem seus saberes e ações e colabore para um entendimento mais amplo sobre a problemática aos futuros profissionais da educação.

Procedimentos da pesquisa e estrutura do trabalho.

Este trabalho embase-se principalmente na pesquisa qualitativa. Por esta razão, parte-se de um projeto inicial onde são feitas a definição do problema, a formulação das hipóteses e do referencial teórico, a coleta de dados, sua análise e finalmente a redação do relatório. Concluídas essas etapas, parte-se para a prática propriamente dita. É hora de se iniciar a coleta de dados, que partiu da negociação para a permissão para entrada em campo. Nesse momento, utilizaram-se os seguintes instrumentos: observação não participativa (cujo roteiro é apresentado no Apêndice B) e o questionário (Apêndice C), que serão mais detalhados posteriormente.

A monografia está estruturada em três capítulos: o primeiro capítulo versa sobre a metodologia da pesquisa, explicitando a pesquisa qualitativa, instrumentos e procedimentos adotados, bem como a apresentação dos colaboradores e do seu contexto empírico.

No segundo capítulo, far-se-á uma discussão a cerca das causas da indisciplina escolar. Para tanto, serviu de referencial teórico Tiba (1996), Parrat-Dayana (2008), La Taille (1996), Oliveira (2005), Saviani (2006, 2008), Vasconcellos (1995, 2004), Campos (2007), Mielnik (1982), Aquino (1996), Tavares (2008), dentre outros, que embasou a análise dos principais causadores dessa problemática.

O terceiro capítulo versa sobre os dados coletados a partir dos questionários e observação, os quais foram interpretados mediante o referencial estudado e a análise

de conteúdo. Após esses capítulos far-se-ão as considerações finais sobre a temática.

CAPÍTULO I

ETAPAS DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO DAS CAUSAS DA INDISCIPLINA ESCOLAR

A autoridade coerente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos *silenciados*, mas no alvoroço dos *inquietaos*, na dúvida que instiga, na esperança que desperta.

FREIRE (1996, p. 93)

Neste primeiro capítulo, discorrer-se-á sobre as etapas da metodologia utilizada na pesquisa. Em seguida, far-se-á uma abordagem sobre a observação e o questionário, que foram os instrumentos utilizados para atender os objetivos propostos. Para o embasamento teórico, citaram-se, entre outros, Richardson e Wainwright (1999), Chizzotti (2003), José Luis Neves (1996).

1.1 A PESQUISA QUALITATIVA

Ao se optar pela pesquisa qualitativa, levou-se em consideração o fato de que esta é a mais indicada para se fazer uma análise na qual a observação e a interação com os pesquisados são necessárias para a obtenção dos resultados pretendidos.

Segundo Neves (1996, p.1):

Enquanto estudos quantitativos geralmente procuram seguir com rigor um plano previamente estabelecido (...), a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada ao longo de seu desenvolvimento; além disso, não busca enumerar ou medir eventos e, geralmente, não emprega instrumental estatístico para análise de dados (...). Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situe sua interpretação dos fenômenos estudados.

Pode-se ainda definir pesquisa qualitativa como aquela que visa entender um determinado fenômeno em profundidade. Em vez de estatísticas, regras e outras generalizações, esse tipo de trabalho descreve, compara, interpreta. Porém, como em qualquer outro tipo de pesquisa, necessário é que se guie através de procedimentos previamente definidos.

Segundo Chizzotti (2003, p.104) a pesquisa qualitativa: “objetiva, em geral, provocar o esclarecimento de uma situação para uma tomada de consciência pelos próprios pesquisados dos seus problemas e das condições que os geram, a fim de elaborar os meios e estratégias de resolvê-los”. Entende-se procedimentos, como maneira de agir, de fazer alguma coisa, ou seja, modo de alguém se portar na prática de qualquer intento.

No dizer de Richardson e Wainwright (2007, p. 90);

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

Para avaliar o fenômeno, buscou-se compreender as causas da indisciplina na escola São Francisco dos Capuchinhos, escolhida entre tantas outras na cidade de Parnaíba, por ser renomada e por ter uma quantidade considerável de alunos na faixa etária que se desejava observar.

Após um período de observação, percebeu-se que o meio mais viável para obtenção de dados era a pesquisa qualitativa, optando-se pelo método que facilitasse a interação entre pesquisador e o campo pesquisado.

Conforme já explanado, os dados foram analisados de maneira qualitativa. Como instrumentos da coleta, utilizaram-se questionários e a observação não participante, a qual pode ser entendida como aquela em que o pesquisador permanece alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observando de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem. Neste procedimento o pesquisador é muito mais um espectador que um ator.

O problema desse tipo de observação é que a presença do pesquisador pode provocar alterações no comportamento dos observados, destruindo sua espontaneidade e produzindo resultados pouco confiáveis. Entretanto esse foi o método que se mostrou mais adequado para este trabalho.

A partir dessa perspectiva, pôde-se interpretá-los mediante a análise dos conteúdos obtidos.

1.2 OS COLABORADORES DA PESQUISA

Os principais fatores que contribuem para a indisciplina na escola é o foco desta pesquisa. Para identificá-los, necessitou-se coletar dados *in loco*. Foi nesse contexto que entrou o trabalho dos colaboradores da pesquisa.

Inicialmente, conversou-se com a direção da escola, que prontamente intermediou o contato com as turmas as quais poderiam vir a ser observadas. E, logo após o trabalho de sensibilização, ou seja, explanação do que se estava pretendendo realizar com as professoras quanto ao objeto de estudo, pôde-se contar com sua colaboração. Optou-se, então, por selecionar uma turma de cada uma das séries iniciais que compõem o Ensino Fundamental de nove anos (1ª a 5ª séries), considerando apenas aquelas que ainda não contavam com a presença de algum outro observador, estudantes de outras instituições de ensino superior que estavam realizando estágios de observação.

Realizou-se a pesquisa com uma professora e um aluno de cada turma. Este último, escolhido de forma aleatória. O número de colaboradores não seguiu nenhum critério técnico. Baseou-se apenas na disponibilidade de cada um. Mas, levando-se em conta o universo pesquisado, acredita-se que a quantidade seja suficiente para se extrair dados confiáveis.

Após quinze dias de observação, em que se acompanhava as aulas, sem fazer qualquer tipo de interferência, foram aplicados questionários que buscaram identificar as raízes da problemática, objeto deste trabalho, com o escopo de viabilizar a coleta das informações necessárias à obtenção dos resultados pretendidos. Ao todo foram oito horas em cada turma, totalizando 40 quarenta horas.

Cabe, neste momento, destacar que houve dificuldade em aplicar o questionário com alguns alunos, pois nem todos se sentiram à vontade para respondê-lo, alguns simplesmente ignoraram as perguntas e acabaram correndo para brincar, pois o momento utilizado para aplicação foi a hora do recreio.

Entretanto, isso não se restringiu somente aos alunos. Embora a maioria das professoras tivessem se mostrado bem receptivas; no momento de responder as perguntas do questionário, muitas deram respostas evasivas e superficiais, o que acabou dificultando, em certo ponto, a análise mais eficiente dos dados colhidos.

Ressalte-se que, mesmo assim, a cooperação dos colaboradores foi de suma importância para a consecução desta pesquisa. Sem sua participação, o trabalho não teria sido realizado. É importante que se sensibilize os pesquisados para que se

disponibilizem a cooperar. Embora nem sempre se consiga a adesão de todos, aqueles que empenharam um pouco de seu tempo para ajudar devem ser valorizados.

Para preservar a identidade dos colaboradores, optamos por identificá-los apenas utilizando a inicial de seus nomes, conforme poderá ser observado nos quadros abaixo:

COLABORADORA	ÁREA	TÍTULO/SITUAÇÃO	TEMPO DE PROFISSÃO
Professora A	Pedagogia	Superior/Completo	6 anos
Professora B	História	Superior/Cursando	15 anos
Professora I	Pedagogia	Superior/Completo	12 anos
Professora N	Letras Port./Ingl.	Superior/Cursando	8 anos
Professora R	Letras Português	Superior/Completo	5 anos

Quadro 01: Demonstrativo do perfil das colaboradoras da pesquisa.

Fonte: Questionário aplicado às professoras.

COLABORADOR	SÉRIE	IDADE
Aluno K	1º ano	6 anos
Aluna T	2º ano	7 anos
Aluna A	3º ano	9 anos
Aluna S	4º ano	10 anos
Aluna D	5º ano	10 anos

Quadro 02: Demonstrativo do perfil dos colaboradores da pesquisa.

Fonte: Questionário aplicado aos alunos.

1.3 CONTEXTO EMPÍRICO

A pesquisa foi realizada na escola São Francisco dos Capuchinhos, localizada na Av. São Sebastião, na cidade de Parnaíba, Piauí. A escola atende crianças das sete às onze horas da manhã e das treze às dezessete horas, de segunda a sexta-feira.

As faixas etárias variam entre 04 (quatro) a 12 (doze) anos.

A Instituição já existe há quase 60 anos. Apresenta salas de aula espaçosas, arejadas e com boa iluminação. Conta com sala para diretoria, biblioteca, doze salas de aula com mobiliário adequado, sala de vídeo, almoxarifado, despensa, cozinha, quatro banheiros e um salão para as atividades recreativas, festividades e reuniões. De modo geral, a escola está em boas condições físicas, sendo um ambiente acolhedor para seus alunos.

Observou-se que, durante todo o horário, as professoras fazem uso de diferentes estratégias, explanando conteúdos, propondo atividades para serem realizadas em classe e em casa. Fazem trabalhos individuais e em grupos, além de avaliações quantitativas escritas e individuais, que são um dos meios utilizados para medir o grau de aprendizagem das crianças. Mas, às vezes, utilizam aulas que não proporcionam um momento prazeroso, gerando um ambiente propício para a dispersão e ociosidade dos alunos.

Foi dentro desse contexto que se realizou a pesquisa, cujos instrumentos serão apresentados a seguir.

1.4 OBSERVAÇÃO

A observação é uma etapa muito importante da realização do trabalho de pesquisa, pois é ela quem dará o suporte necessário para interpretação do meio, bem como a confirmação das informações obtidas na coleta de dados, conforme Chizzotti (2003, p.90):

A observação direta pode visar uma descrição “fina” dos componentes de uma situação: os sujeitos em seus aspectos pessoais e particulares, o local e suas circunstâncias, o tempo e suas variações, as ações e suas significações, os conflitos e a sintonia de relações interpessoais e sociais, e as atitudes e os comportamentos diante da realidade.

A pesquisa foi de essencial importância na consecução deste trabalho. Entretanto, houve dificuldades, principalmente porque alguns colaboradores não se sentiram à vontade com a presença do pesquisador, passando a agir de modo diferente do habitual. Isso foi de fácil percepção, pois, vez ou outra, ouviam-se das crianças mais extrovertidas comentários como: *“a tia nunca faz essa atividade, só porque tem gente hoje aqui, ela inventou isso”*.

Em algumas salas de aula, essa mudança na rotina deixou as crianças meio confusas ou pouco à vontade, porque passaram a fazer atividades que não eram do cotidiano.

Isso dificultou a pesquisa já que não se encontrou o mesmo ambiente com o qual os pesquisados estavam habituados a interagir; gerando, assim, preocupação quanto à possível infidelidade dos dados coletados. Pois os alunos não estavam agindo da mesma forma, algumas estavam inibidas e outros demonstrando agitação como a presença de uma pessoa que não faz parte do quadro de funcionários da escola.

A observação durou quinze dias. Nesse período, buscou-se compreender as causas da indisciplina, identificando quais os maiores motivadores do comportamento inadequado em sala de aula. Durante as aulas, observou-se que algumas crianças não traziam o material escolar, não ficavam atentas à explicação, corriam pela sala, não faziam as atividades propostas, não respeitavam colegas e professoras, falavam muito alto, atrapalhando os outros alunos.

O roteiro seguido durante a observação foi o seguinte: Como é o comportamento dos alunos indisciplinados? Quais as atitudes dos professores com relação à indisciplina? Como é a disciplina dos alunos? O que ocasiona a indisciplina? Como é a relação professor-aluno?

Durante o período de observação, estava havendo revisão para as provas mensais. Antes do início das aulas propriamente ditas, os alunos se enfileiravam no pátio para fazer uma oração. Depois eram conduzidos para as salas de aula, em fila indiana, por suas respectivas professoras. Após todos os alunos tomarem seus lugares, solicitava-se que abrissem os cadernos para copiar os exercícios de revisão. Essa atividade consistia em copiar tudo que estava escrito no quadro, que durava até a hora do intervalo.

Como algumas crianças copiavam mais rápido que outras, acabavam ficando ociosas, gerando um ambiente propício para a conversa e a dispersão. Depois do recreio os alunos respondiam as questões e, quando “dava tempo”, a professora corrigia, através da leitura dos questionários e ao mesmo tempo passava entre os alunos para saber se realmente estavam acompanhando a correção. Algumas vezes eram passadas tarefas para casa, ora do livro, ora de “folhinhas”.

Cabe ressaltar que a escola utiliza eminentemente a avaliação quantitativa; mas aspectos qualitativos também são levados em consideração, tais como, participação, comportamento, execução de tarefas e trabalhos etc.

O momento do intervalo também foi observado. Durante esse período, que durava 20 (vinte minutos), as crianças lanchavam e brincavam no pátio. O que chamou a atenção é que não havia atividades dirigidas. As crianças ficavam por conta própria. Parte das meninas preferia ficar sentada conversando; outra entrava nas brincadeiras dos meninos, as quais geralmente eram pega-pega. Muitos brincavam de luta. Após o recreio, a maioria estava exausta e extremamente agitada. As professoras tinham dificuldade em acalmá-los para continuar a aula.

A seguir discorrer-se-á como se deu o outro instrumento de coleta de dados.

1.5 QUESTIONÁRIO

Questionário foi o método escolhido para obtenção de dados, por proporcionar informações ao pesquisador e com objetivo de ter conhecimento sobre a opinião dos pesquisados.

Segundo o site Wikipédia (2010): “Questionário é uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito a pessoas, e que tem por objetivo propiciar determinado conhecimento ao pesquisador.”

Pode ser, pois, entendido como um instrumento ou programa de coleta de dados.

Para esta pesquisa, procurou-se elaborar um questionário cuja linguagem fosse simples e direta para que o respondente compreendesse com clareza o que estava sendo perguntado.

Durante a observação foram entregues os questionários a cinco professoras, que tiveram uma semana para analisar e responder. Tal prazo foi dado para que refletissem e compreendessem a problemática da indisciplina em sala e no ambiente escolar. Somente uma professora não respondeu a todas as questões.

As respostas, em sua maioria, foram evasivas e superficiais, conforme já comentado anteriormente. Por isso, considerou-se que não receberam muito bem o questionário, provavelmente pela dificuldade em identificar e admitir possíveis falhas em sua atividade docente.

1.6 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Para uma melhor interpretação das informações coletadas, optou-se por analisar os dados a partir do ponto de vista tanto do professor quanto do aluno. Dentro desse contexto, necessitou-se dividir em dois tipos de categorias distintas. O primeiro refere-se à pesquisa realizada junto às professoras, conforme exporemos a seguir:

- A vivência da indisciplina em sala de aula;
- Atitudes diante de um aluno/turma indisciplinado(a);
- Principais causas da indisciplina.

O segundo, junto aos alunos:

- Conceito de aluno indisciplinado/disciplinado na visão do próprio aluno;
- Auto-avaliação do aluno acerca de seu comportamento;
- Concepção do aluno sobre as causas da indisciplina.

As categorias apresentadas deram suporte para as análises e discussões dos resultados da investigação.

CAPÍTULO II

POSSÍVEIS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR

A autoridade deve ser usada para dirigir a classe, pois, quanto mais confiança os alunos tiverem no professor, enquanto autoridade que dirige um curso produtivo; que pode manter a disciplina; que tem bom domínio do conhecimento, mais confiança os alunos terão nas intervenções do professor; o qual deve utilizar a autoridade dentro dos limites da democracia.

(D'ANTOLA 1989, p.53)

Nesse capítulo discorreremos sobre algumas causas da indisciplina escolar, destacando com clareza os fatores que geram a indisciplina, no qual poderão perceber o porquê das atitudes desviantes - aquelas que normalmente se designa por ato de indisciplina dos alunos - ou seja, conhecer as raízes dos problemas daqueles que são rotulados de *indisciplinados*. As discussões feitas sobre essa temática são apresentadas segundo os fundamentos de Tiba (1996), Parrat-Dayan (2008), La Taille (1996), Oliveira (2005), Saviani (2006, 2008), Vasconcellos (1995, 2004), Campos (2007), Mielnik (1982), Aquino (1996), Tavares (2008), dentre outros. Por terem uma visão mais crítica e detalhada acerca do tema.

2.1 CONTEXTUALIZANDO A INDISCIPLINA

Para entender o conceito de indisciplina, necessário é definir o termo disciplina. Segundo o Minidicionário Aurélio (2002), “disciplina é regime de ordem imposta ou mesmo consentida; ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização; relações de subordinação do aluno ao mestre; submissão a um regulamento.”

O mesmo dicionário define *indisciplina* como procedimento, ato ou dito contrário à disciplina.

De acordo com Silvia Parrat-Dayan (2008, p.20), “disciplina é um conjunto

de regras e obrigações de um determinado grupo social e que vem acompanhado de sanções nos casos em que as regras e/ou obrigações forem desrespeitadas. Indisciplina implica, portanto, em desobedecer às normas estabelecidas.”

A mesma autora afirma ainda que os problemas de indisciplina estão diretamente relacionados com problemas de moral. Pois como nenhum indivíduo vive sozinho, é indispensável que existam regras que definam claramente quais comportamentos são aceitos dentro de determinado grupo. São essas regras que tornam possível a convivência harmônica. E como a sociedade está em constante evolução, é normal que atravesse períodos de crise nos quais determinados comportamentos deixam de funcionar, acarretando falência nas regras que deles provêm. Estando a sociedade em crise, conseqüentemente família e escola também estarão. Quando isso acontece, indivíduos ou sociedade sentem-se desorientados por não terem mais um padrão de comportamento a seguir, surgindo a necessidade de começarem a estabelecer novos padrões.

Para Tiba (1996, p. 99), a “disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar”. Portanto, ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola.

A definição que melhor se apresenta, é fornecida por La Taille (1996, p.10) que esclarece:

Se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações.

Disciplina é o que permite que os organismos sociais possam existir e coexistir. Se é verdade que ela é exercida quando as regras morais são respeitadas, então só é possível que as pessoas vivam em sociedade porque existem normas e padrões de comportamento que estabelecem limites, possibilitando a convivência e a tolerância, fundamentais para manter a ordem social.

Cada organismo ou instituição, seja a família, uma comunidade ou até mesmo a escola, só permanece, só sobrevive porque seus atores aceitam acatar um código disciplinar, um código ético. A partir do momento que um indivíduo do grupo

decide se rebelar contra essas leis surge à dificuldade de manter harmônicas as relações sociais.

Cada grupo define suas próprias regras. Mas todos partem de um mesmo padrão ético maior, o qual é definido de acordo com o contexto histórico. Depois de determinada essa *espinha dorsal*, cada instituição social formaliza suas próprias normas de comportamento, que variam de acordo com o objetivo que pretendem alcançar.

Na escola, a disciplina é determinada por vários motivos. Seja para permitir um melhor aprendizado, seja para sociabilizar as crianças.

Dentro do contexto escolar, a indisciplina pode se revelar de diferentes maneiras. Vasconcellos (1995, p.50) enfatiza que “existem dois tipos de indisciplina: uma ativa que gera “bagunça” e outra passiva, que é aquela em que o aluno até faz silêncio, fica quieto, porém o educador não consegue estabelecer interação com o educando”. Ao contrário do que se pode inicialmente imaginar, indisciplinado não é só aquele aluno que conversa o tempo inteiro, faz piadas inoportunas, ou arremessa bolinhas de papel. Isso seria uma visão muito simplista do problema. Frequentemente sala de aula silenciosa é vista como sala disciplinada. Mas nem sempre é assim, pois a indisciplina também é traduzida de outras formas, como por exemplo, falta de atenção ou não execução de trabalhos e tarefas.

A partir daí surge o dualismo escola tradicional *versus* escola nova. Para conceituar escola nova Oliveira (2005, p.39) diz que:

é a estrutura educacional que defende os princípios de uma educação democrática e a formação do cidadão responsável, livre e participante na comunidade. Portanto esse novo modelo de educação nos diz que professores tem o papel fundamental de formar cidadãos críticos, capazes de formar ideias próprias.

Portanto, a denominada nova escola é aquela que tem como objetivo proporcionar estímulos adequados para o crescimento harmonioso, afetivo e intelectual do aluno. Contudo devem coexistir na escola, a disciplina e a educação para a liberdade e responsabilidade. A liberdade não deve ser confundida com o direito de fazer o que se quer, mas sim, fazer o que se deve.

Segundo Saviani (2008, p.06) a escola tradicional é aquela cujo papel é:

difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. O mestre-escola é o artífice dessa grande obra. A escola se organiza, pois, como uma agência

centrada no professor, o qual transmite segundo uma gradação lógica o acervo cultural dos alunos.

Seja uma escola tradicional, seja a denominada escola nova, todas possuem um código disciplinar a ser seguido. A diferença é que naquela as normas são impostas de cima para baixo, num ambiente em que há a hierarquização das relações. Nesta, as normas são democraticamente convencionadas, isto é, são estabelecidas com a participação de todos.

A seguir far-se-á uma abordagem mais direta da indisciplina no ambiente escolar, analisando-se o papel da família, professores e escola.

2.2 SOCIEDADE

Para se compreender o fenômeno da indisciplina escolar, necessário é que se trace um perfil da sociedade brasileira no último século.

Até o início do século XX, a sociedade brasileira era eminentemente rural. A partir de então passou a experimentar profundas mudanças. No campo político, a Monarquia cedeu lugar à República; no plano econômico, começou seu processo de industrialização. Como consequência, no âmbito social, vivenciou um rápido crescimento das cidades e o êxodo rural. Tudo isso, é claro, teve implicações diretas na educação.

Na sociedade rural o acesso à educação era difícil e um privilégio de poucos. Não havia muitas escolas. Não raro as famílias mais abastadas mandavam seus filhos estudar fora do país, principalmente na Europa, de onde traziam novas ideias e doutrinas filosóficas. Isso fomentou as discussões acerca dos problemas sociais e políticos enfrentados pelo Brasil, o que acabou desembocando na falência da monarquia e instauração da república.

Com o crescimento do comércio e a instalação de indústrias, tornou-se necessário investir na educação para formar mão de obra qualificada. Até então a escola era pautada dentro do regime monárquico que, com a república, passou a sofrer duras críticas. Nascia, assim, a necessidade de se reformular o sistema escolar, solidificando o ensino público, numa tentativa de se democratizar seu acesso e fincar em definitivo os alicerces do sistema republicano no país.

Como bem afirmou Saviani (2006, p.01)

No Brasil, a educação, como direito humano inalienável, decorrente da tese engendrada no núcleo das aspirações republicanas no século XIX como panaceia para todos os males e mola propulsora da ordem e do progresso, ainda está no estatuto utópico da democratização e universalização do conhecimento.

O fenômeno da industrialização e a nova política governamental provocaram uma demanda cada vez maior por vagas em escolas.

Por outro lado, no decorrer do século, a mulher foi conquistando seu espaço no mercado de trabalho, o que acarretou em novo paradigma social.

A família deixava de ser estritamente patriarcal. A mulher era também provedora material das necessidades de sua casa, de seus filhos. Mãe deixou de ser sinônimo de rainha do lar. Ela atravessou os limites dos portões de sua residência, onde precipuamente cuidada dos afazeres domésticos e da educação dos filhos e saiu em luta da igualdade de direitos.

Como consequência, a escola passou a ter a obrigação de desempenhar, praticamente sozinha, o papel de educar e impor regras e limites às crianças e adolescentes. O aluno visto indisciplinado faz parte de uma sociedade e de um momento histórico que não devem ser desconsiderados. Na realidade não há como discutir a questão da indisciplina escolar sem uma leitura do que vem ocorrendo na sociedade em que a escola e a família vivem hoje.

O aluno é um indivíduo inserido num meio social que lhe proporciona condições para ser o que é. Portanto, as atitudes indisciplinadas em sala de aula podem ser reflexos da sociedade que nos dias de hoje é marcada pelo individualismo, consumismo, violência, pobreza. Os comportamentos indesejáveis do aluno pode ser a imagem do meio que o rodeia.

2.3 FAMÍLIA

Acerca da família, muito se pode dizer, uma vez que esta é a base de todo o processo de construção da identidade de todo indivíduo. Estes estão fortemente sujeitos à influência do grupo a que pertencem e da turma na qual estão inseridos, mostrando de forma mais clara quando a família está desajustada, ou seja, desestruturada, com pais separados, quando presenciam brigas familiares, ou por estarem passando por dificuldades financeiras, as quais acabam afetando o desenvolvimento das crianças. Sabe-se que é importante a presença da família na educação dos filhos, pois são nos pais

que buscam a inspiração para demonstrarem a conduta que acham ser certa para seguir.

Alguns autores concordam que a indisciplina escolar está intimamente ligada a fatores relacionados à falta de limites em casa. Segundo Tiba, por exemplo:

A educação ativa formal é dada pela escola. Porém, a educação global é feita a oito mãos: pela escola, pelo pai e pela mãe e pelo próprio adolescente. Se a escola exige o cumprimento de regras, mas o aluno indisciplinado tem a condescendência dos pais, acaba funcionando como um casal que não chega a um acordo quanto à educação da criança. O filho vai tirar o lucro da discordância pais/escola da mesma forma que se aproveita quando há divergências entre o pai e a mãe. (TIBA, 1996, p. 165)

Os pais exercem papel fundamental na vida dos filhos, uma vez que a relação entre pais e filhos se abala seja por falta de atenção, seja por falta de diálogo ou outro fator. Essa crise certamente refletirá na vida escolar, muitas vezes, em forma de indisciplina.

A criança recebe a primeira educação no seio familiar, em que impõe limites. No entanto, percebe-se que a educação inicia-se na família e que ao chegar à escola a criança traz consigo uma bagagem adquirida em casa. De acordo com Vasconcellos (2004, p. 26) “[...] a família não está cumprindo sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória, que é o estabelecimento de limites e o desenvolvimento de hábitos básicos”.

É impossível negar a importância que a educação familiar exerce sobre o indivíduo. Todavia, é preciso ressaltar que o que ocorre no ambiente familiar é de suma relevância, porém não é determinante e que não pode se reverter. Os traços que caracterizarão a criança ao longo de seu desenvolvimento não dependerão somente das experiências vivenciadas no interior da família, mas das inúmeras aprendizagens que o indivíduo realizará em diferentes contextos de socialização, como na escola.

O padrão da educação familiar vem se deteriorando: falta de limites, de respeito, obediência e indisciplina é o que dá razão aos professores ao responsabilizarem a família, os pais por isso. Porém, é tarefa da escola a educação na perspectiva da formação integral do aluno. Por tanto cabe a escola:

[...] ministrar conteúdos, deve ser centrada no conteúdo, mas objetivamente, estes se repetirão em grau de complexidade e exigência superior, mas os valores que formam a personalidade do ser humano têm que ser trabalhados com muita ênfase na infância. Se por um lado

falta aos pais esta noção de autenticidade na educação de seus filhos, sobra para a escola, na figura do professor. Neste sentido, devemos compreender que a posição dos pais é de quem pede ajuda, pois eles não sabem o que é educar, perderam as referências de autoridade sobre os filhos. As necessidades da vida moderna fazem com que os pais sejam absorvidos pelo trabalho, para assim buscarem *status* e uma melhor condição de vida. Às vezes esquecem de dar atenção às crianças nos momentos mais importantes de suas vidas. Esquecem que estes momentos passam e não têm volta. (CAMPOS, 2007, p. 53).

Neste sentido, é inevitável a influência da família na educação das crianças, pois é quem direciona e dita como ser e viver. Espera-se que a família, mesmo em constante transformação, continue exercendo o seu papel de apoio, diálogo, afetividade, construção de valores e desenvolvimento saudável da personalidade de crianças, adolescentes e jovens.

2.4 PROFESSORES

Também os professores contribuem para essa problemática. Esta árdua tarefa recai sobre os educadores, que por vezes, tratam de forma agressiva e autoritária os alunos. Todavia, deve-se ter conta, que alguns profissionais da área sentem dificuldade, para lidar com situações de conflito. Em seu discurso Silvia Parrat-Dayana (2008, p.77) diz “falta de respeito, insultos ou vandalismo são a realidade cotidiana de muitas escolas. Para frear a indisciplina crescente, os docentes necessitam de meios e capacitação”.

O professor também é causador da indisciplina, pois só se preocupa em passar conteúdos, impondo sua autoridade, sem sequer observar os alunos como seres que precisam de atenção e carinho. O educador precisa fazer o seu papel, procurando manter a ordem e a disciplina, cobrando a obediência às regras e normas do grupo ou da escola, mas também tem o dever de compreender e interpretar estas manifestações, buscando dar segurança às crianças, para que obtenha um equilíbrio em suas ações. Na sala de aula os professores representam muitas vezes uma segurança para alguns alunos que se sentem perdidos e desamparados, sem limites.

As relações na escola devem estar pautadas em princípios democráticos, visto que a sua principal finalidade é educar para a democracia. De acordo com a visão de Parrat-Dayana (2008, p. 75) diz que:

O professor deve insistir para que as crianças consigam intercambiar pontos de vista nessa perspectiva de enriquecimento mútuo. É dessa maneira que se estimula a atitude democrática. A conduta supõe valores tais como a coerência ética, o espírito crítico, o rigor argumentativo, a colaboração solidária e a crítica construtiva.

Nesse sentido, o desenvolvimento de atitudes e valores voltados para a solidariedade, o entendimento humano e colaboração mútua são os ingredientes que fortalecem o autêntico trabalho da escola em prol de uma educação efetivamente democrática.

A indisciplina é a maneira que a criança encontra para dizer que algo está mal, e quando a indisciplina é respondida em forma de autoritarismo, imposição, pode agravar-se. Pois acaba refletindo no rendimento escolar. Assim fala Mielnik (1982, p.60): “Crianças excessivamente inquietas, agitadas, com tendências à agressividade, se destacam no grupo pela dificuldade de aceitar e cumprir as normas, às vezes, não conseguindo produzir o esperado para sua idade.”

A indisciplina é um problema constante que incomoda os educadores. De acordo com o autor Aquino (1996, p.40)

Os relatos dos professores testemunham que a questão disciplinar é, atualmente, uma das dificuldades fundamentais quanto ao trabalho escolar. Segundo eles, o ensino teria como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, traduzida em termos como: *bagunça, tumulto, falta de limite, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade etc.*

Portanto é um problema de todos para conter os transtornos no ambiente escolar, propondo formas de solução, buscando valorizar o diálogo entre os elementos mais prejudicados com esse drama.

O educador é de grande importância no processo de ensino-aprendizagem, pois é o mediador de conhecimento, tendo assim a responsabilidade de planejar, preparar aulas que facilitem o aprendizado do aluno. Tavares (2008, p, 130) ressalta:

O professor deve ser um mediador no ensino-aprendizagem, proporcionando uma aprendizagem significativa, respeitando as individualidades, os interesses e a realidade de cada aluno, preservando valores, tradição, crenças, contribuindo para formação humana, auxiliando o sujeito a conhecer o mundo e seus problemas. Por maiores que sejam as dificuldades, o professor está sempre buscando referências, novos conhecimentos para melhorar sua prática em sala de aula.

Hodiernamente o professor não deve ser mero transmissor do saber, atua muito mais como facilitador do conhecimento, devendo levar seus alunos a desenvolver habilidades e competências que os possibilitarão serem senhores do seu próprio crescimento social e intelectual.

Na escola tradicional, a relação entre professor e aluno é hierarquizada. Aquele atua, não raras vezes, com autoritarismo; enquanto estes devem obedecer incondicionalmente às determinações de seu mestre sob pena de sofrer consequências que geralmente se traduzem em punições disciplinares.

Na chamada “Escola Nova”, a relação entre professor e aluno é mais democrática, os alunos têm mais liberdade para se expressar e são mais atuantes no processo de ensino-aprendizagem. Por esse motivo, frequentemente a escola moderna é vista como permissiva demais; enquanto a escola tradicional parece ser mais competente para lidar com a imposição de limites para as crianças. De qualquer forma é necessário que o profissional da educação seja capacitado para desempenhar sua função.

O que se percebe é que os problemas de indisciplina não estão presentes apenas nas escolas cuja metodologia é menos conservadora. Nas escolas tradicionais o problema também é verificado. Na escola pesquisada, apesar de ser tradicional, constatou-se que há a presença de alunos indisciplinados, o que comprova o que já fora afirmado.

O certo é que o primeiro passo para se conquistar uma escola ideal é ter profissionais capacitados para exercer a função que lhes é dada. Pois o professor é peça chave para o desenvolvimento da personalidade do aluno.

Sabe-se que o papel social do professor deve ser o de desenvolver habilidades e competências em seus alunos. Entenda-se por habilidade a capacidade de saber fazer algo, como por exemplo, construir uma maquete da escola utilizando as figuras geométricas estudadas nas aulas de matemática. Entenda-se por competência a capacidade de construir essa mesma maquete da forma mais perfeita possível.

Para ilustrar de forma ainda mais concreta a diferença entre habilidade e competência, podemos citar Rubens Barrichello e Michael Schumacher. Ambos têm habilidade para pilotar um carro de Fórmula 1. Mas só um deles teve competência para se tornar campeão mundial.

Deve-se partir do princípio de que atualmente vive-se no que já se convencionou chamar de “era da informação”, não é mais necessário que sejamos

verdadeiras enciclopédias ambulantes, ou seja, acumular a maior quantidade possível de saber. Hoje conhecimento está literalmente a um clique dos olhos.

É preciso que os alunos sejam levados a buscar e a selecionar, dentro desse mundo de informação, o que realmente é relevante, sempre dentro de um espírito crítico e questionador.

Obviamente o professor deve ser um profissional capacitado para que possa desenvolver em seus educandos as habilidades e as competências necessárias para despertar o interesse pela escola e estudos, assim diminuindo a quantidade de alunos indisciplinados decorrente da ociosidade por aquilo que não desperta a curiosidade de saber e entender o que está acontecendo no ambiente escolar.

A maioria dos professores diz que há várias explicações para a origem e motivos que acarretam a indisciplina e atribuem as causas a fatores externos à escola. Outros dizem, por exemplo, que o comportamento indisciplinado vem da família que não soube educar e já há quem diga que está relacionada mesmo com fatores internos ao contexto escolar, como por exemplo, problemas da escola e falta de preparo dos professores.

2.5 ESCOLA

A indisciplina tem sido um dos problemas mais graves das escolas, por isso o conceito de disciplina relacionado à obediência está muito presente nas instituições de ensino. Vasconcellos (2004, p.47) expõe que, “o conceito de disciplina ainda muito presente no cotidiano escolar, está associado à adequação do comportamento do aluno e à aquilo que o professor deseja”. Portanto, sabe-se que o educador almeja alunos comportados, que fiquem atentos as explicações, façam os exercícios. Esse conceito não busca a interação professor/aluno, mas o isolamento, sem comunicação e assim a obediência.

Colaborando com o pensamento de Vasconcellos, Parrat-Dayán (2008, p.21) defende que:

[...] se a disciplina só existe pelo medo que o aluno tem de ser castigado ou quando o professor adota uma postura autoritária para estabelecê-la, ela se torna negativa porque, em vez de permitir que o aluno cresça e conquiste sua autonomia, ela o infantiliza e o mantém dependente.

É necessário que, acima de tudo, seja construída uma escola centrada no respeito entre os elementos que a compõem e ainda que os pais sejam responsáveis não entregando a educação de seus filhos ao acaso, mas sim, compreendam que o diálogo é uma rica experiência e que pode transformar a vida de seus filhos e suas próprias vidas.

É preciso que a escola perceba a importância do seu papel na formação de cidadãos, preparando as novas gerações para viver em sociedade. “À escola atribui-se a função de formar cidadãos, despertar ou formar consciências críticas, produzir conhecimentos, tomar conhecimento da história de nossa cultura” assim diz Nascimento (2004, p.15). É necessário ainda que o professor seja competente suficientemente para fornecer ao seu aluno, conhecimentos para despertar o interesse pelos conteúdos que visam prepará-lo para a vida.

O psicólogo Taille (1996, p. 22) diz: “A indisciplina em sala de aula não se deve essencialmente a “falhas psicopedagógicas”, pois está em jogo o lugar que a escola hoje ocupa na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam, o lugar que a moral ocupa”. No entanto, como se pode ver a escola não está sozinha acerca desse contexto. A escola precisa de regras e normas orientadoras do seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam. Dentro desse contexto, as normas deixam de ser vistas apenas como imposição, e passam a ser compreendidas como condição necessária ao convívio social. Nesse sentido Oliveira (2005, p. 63) ressalta que:

Se é preciso propiciar a autonomia do educando, é preciso também rever nosso sistema de regras dentro da escola. Elas, sem dúvida, são necessárias, mas é fundamental que se tenha a preocupação em garantir a sua clareza e a transparência na sua apresentação como também a coerência das sanções, sem nos esquecermos de que; somente a existência de regras, coletivamente definidas, pode esclarecer que atitudes os alunos devem evitar em sala de aula e na escola, visto que as regras implicam o entendimento do conceito de moral e ética.

No entanto é imprescindível que os alunos tenham consciência da importância do estabelecimento de regras e que estas devem ser seguidas por eles na sala de aula e na escola para proporcionar um ambiente saudável para a aprendizagem.

O importante não é achar um responsável para o problema, mas entender que cada qual deve fazer seu trabalho. A escola não deve ficar acuada atrás dos muros e *jogar a peteca* da indisciplina para o lado de fora, ou seja, para a família e a sociedade.

Mas, deve saber que, se por um motivo ou por outro, a família ou a sociedade não está dando conta de suas funções, o ambiente escolar se tornará o lugar primordial para que essas crianças tenham contato com normas e regulamentos e deve fazer seu trabalho inserindo-as nas regras e na disciplina escolar, dando-lhes limites e proteção no horário em que permanecem na escola.

2.6 O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM E A INDISCIPLINA

O papel da escola no processo ensino-aprendizagem é sempre fundamental e relevante, pois tem como base o objetivo de proporcionar aos seus alunos o ensinar e o aprender de maneira significativa.

Porém, com o aumento da indisciplina, pode-se acarretar deficiência de elementos como interesse, atenção, estímulo e outros. Não é difícil verificar a notável fragilidade deste tão precioso processo em que, entre outras coisas, está ligado com a conformidade dos elementos, para realização de uma aprendizagem significativa.

É comum de se ouvir entre os profissionais da educação sobre este processo, que em sua prática docente realizar-se através de uma troca de conhecimentos, em que é certo ensinar aprendendo. Sem dúvida que cabe ao professor planejar sua aula levando-se em consideração o conhecimento que o aluno tem. No entanto, a didática vai sendo construída com os saberes dos educadores e educandos em situação de co-participação em que a opinião do aluno passa a ser fundamental. Para isso, é preciso uma educação que desperte o senso crítico e a participação do estudante.

A disciplina, quando entendida como uma realização de acontecimentos relacionados a cumprimento de regras, torna-se essencial ao processo em questão, visto que aos próprios alunos é necessário uma sequência de ideias, comportamentos e atitudes. A simples ação de questionar faz com que o aluno também realize, neste momento, um papel disciplinar, pois, dessa forma, ele confirma o interesse pelo saber e se torna um exemplo a ser seguido.

Todavia, uma sala de aula em alguns casos com muita conversa pode não significar, necessariamente, a presença de indisciplina, mas, ao contrário, pode sim estar acontecendo a conquista da disciplina que, sem dúvida, é condição essencial para o sucesso do processo ensino-aprendizagem e, certamente, é o que deseja todo educador.

Após o estudo de diversas teorias sobre as causas da indisciplina escolar é

necessário evidenciá-las através do empirismo. No próximo capítulo, far-se-á uma apresentação dos dados da pesquisa de campo que feita através dos questionários aplicados aos professores e alunos. No qual foi de grande importância para conclusão deste trabalho. Vale ressaltar que o tema é abrangente e fundamentou-se em alguns teóricos, mas sabe-se que há além desses, muitos estudiosos que sevem de embasamento para esta problemática. Espera-se que esta pesquisa sirva de base para outros trabalhos.

CAPÍTULO III

ANALISANDO OS DADOS

O objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas.

(CHIZZOTTI, 2003, p.98)

Para investigação dos dados, recorreu-se à análise de conteúdo como procedimento metodológico. Neste capítulo explanar-se-ão os dados coletados ressaltando a interpretação e análise dos conteúdos tanto na observação como nos questionários, os quais têm como objetivo compreender criticamente o tema exposto.

Realizou-se primeiramente a observação, em seguida questionários. Far-se-á agora uma reflexão, comparando o referencial teórico com os dados coletados na escola de Ensino Fundamental São Francisco dos Capuchinhos.

Durante a observação, percebeu-se que diversos fatores, tais como a falta de autoridade dos professores ou de critérios claros, definindo quais comportamentos são ou não aceitos, contribuíam para essa problemática.

Entretanto a maioria das professoras apontou a família como o principal fator, seja por não impor limites aos filhos desde pequenos, seja por dar proteção exagerada e não apoiar a escola diante das decisões tomadas a respeito da indisciplina. Interessante observar que até mesmo os alunos, como se verá à frente, também atribuem à família a responsabilidade.

A seguir será feita abordagem mais minuciosa dos resultados observados, dividindo-os a partir das categorias de análise.

3.1 A vivência da indisciplina em sala de aula

Diante das observações realizadas e do relato das professoras, viu-se que os alunos são rebeldes, não demonstram respeito aos professores, na sala há bastante conversa paralela, o que acaba prejudicando o bom desenvolvimento da aula. Às vezes são gerados conflitos que acabam passando para agressão física. Essas realidades foram mencionadas no questionário quando ressaltam que:

[...]as rebeldias, palavrões, falta de limites, não sabem ouvir, não respeitam o horário, a falta de atenção, falta de interesse, distração, não participam da aula e não fazem as tarefas. (prof. A)

A violência entre os alunos, as vezes tem criança que agride os colegas, falta de respeito com o professor. (prof. B)

As conversas durante toda a aula e as brigas por qualquer motivo. (prof. I)

A violência entre os alunos, desrespeito dos alunos com professores e brigas entre eles, gerada no convívio familiar. (prof. N)

[...] alunos rebeldes e inquietos, sem limites, que gritam, não param sentados, que conversam e que não trazem o material escolar. (prof.. R)

Diante das observações realizadas e respostas das professoras, pôde-se fazer uma análise da vivência com a indisciplina em sala. Foi possível identificar os principais tipos, isto é, as que são mais frequentes. Observou-se nos discursos das professoras B, I e N, os quais ressaltam que a violência entre os alunos é o tipo de indisciplina mais vivenciado em sala de aula.

Constatou-se que parte considerável dos alunos tem dificuldade em obedecer a regras. Não aceitam muito bem a imposição de limites. Muitos simplesmente ignoram a professora, conversam o tempo todo, implicam com outros colegas a ponto de chegarem à violência física.

Além disso, verificou-se que alguns alunos, embora tivessem, não traziam o material para a escola, tais como o livro, caderno ou lápis, o que se tornava desculpa para não acompanhar a aula.

Outros alunos, apesar de não conversar ou correr pela sala, ficavam quietos mas não prestavam atenção.

A professora, diante do quadro, chegava a gritar para ser ouvida; mesmo assim, muitas vezes, não controlava a situação.

Os alunos mais interessados diziam sentir-se prejudicados pelo comportamento inadequado dos colegas, chegando a solicitar que a professora que tomasse uma providência, dizendo frases do tipo: *Tia, faz esses meninos se calarem, não tô (sic) conseguindo entender nada.*

Percebe-se, nesse cenário que os tipos de comportamentos que as professoras consideram indisciplinados, os mais apontados estão relacionados a um comportamento hostil entre os alunos que se referem à agressividade, violência, briga, palavrões. E outros como: falta de limites, rebeldia, brincadeiras e conversas paralelas.

3.2 Atitudes diante de um aluno/turma indisciplinado.

Acerca dessa problemática pôde-se observar o discurso das professoras e compará-los, em uma perspectiva em que relatam utilizarem-se de algumas atitudes diante de um aluno/turma indisciplinado. Algumas dizem que primeiramente conversam com o aluno, para depois procurar auxílio dos pais e direção, para tentar resolver o problema. Conforme citado abaixo:

Converso sobre o tipo de comportamento dos alunos em sala, de seus direitos e deveres. Levo textos ou atividades relacionadas sobre o comportamento ou situação vivenciada na sala. (prof. A)

Converso com meus alunos sobre o comportamento deles e com seus familiares, imponho limites a esses alunos, exijo respeito, peço ajuda a direção da escola. (prof. I)

Diante dessas respostas pode-se observar que nem todas as professoras possuem as mesmas atitudes em relação à questão disciplinar, pois a maioria citou que usa primeiramente a conversa como meio de resolver esse problema. E a professora B não toma a mesma atitude. Pode-se perceber em seu enunciado:

Me sento (sic) e olho para todos e penso: tenho que ter paciência, autonomia e dedicação. (prof. B)

A forma de essas professoras lidarem com esse tipo de comportamento está, em sua maioria, ligada a atitudes positivas em relação aos alunos; o diálogo é a forma mais apontada para tentar amenizar o problema. Elas dizem conversar com os alunos sobre seus direitos e deveres, sobre valores morais, e boas maneiras dando limites e exigindo respeito. Algumas ressaltam também, que tentam ser amigas dos alunos, dando atenção e carinho, tentam despertar a auto-estima, ser pacientes, procuram gostar da

criança do jeito que é.

No entanto observou-se que nem a professora N e nem a R na prática não recorrem dessa alternativa para solucionar ou mesmo amenizar a indisciplina, como nos dizem em seus discursos.

Procuo conversar com o aluno e com a família para saber o motivo de tal comportamento e conscientizá-los de como tem que ser o convívio escolar e tento ser uma professora amiga.
(prof. N)

Converso com a criança, com os pais e com a direção para que o problema seja resolvido. (prof. R)

Utilizam-se de outras alternativas, como expulsão ou encaminhamento para coordenação pedagógica. Contradizendo a fala das professoras, Aquino (1996, p.110) enfatiza que “tradicionalmente, o método que vem sendo utilizado através dos tempos para se lidar com a indisciplina é o da repressão.”

Pode-se verificar que todo professor tem que ser paciente, dedicado e ter autonomia em sala, assim ele conseguirá ter uma sala organizada e sem dúvidas diminuirá a indisciplina.

3.3 Principais causas da indisciplina.

Durante os quinze dias de observação e com base no questionário aplicado com as professoras, pôde-se detectar algumas causas que levam os alunos a serem indisciplinados. A maioria aponta que a questão indisciplinar está relacionada com a família, pois os pais são liberais, não impõem limites, não apoiam a escola diante das atitudes tomadas pela instituição dentre outras colocadas a seguir:

Falta de apoio dos pais, por não serem presentes na escola.
(prof. A)

Não há diálogo entre pais e filhos, falta de limite, respeito, amor e carinho. (prof. B)

Falta de estrutura familiar, proteção demais por parte dos pais, o próprio sistema, por criar tantas regalias para os alunos.

(prof. I)

O exemplo dos pais em casa, os meios de comunicação que ensinam muita coisa ruim e até mesmo a forma liberal que os pais dão aos filhos, sem mostrar limites, valores e religião.
(prof. N)

Crianças que fazem o que querem, sem limites. A falta de apoio dos pais na maioria das vezes. (prof. R)

Todas as professoras falam que a culpa é primeiramente da família, por não darem limites aos seus filhos, e somente uma cita que o culpado é o sistema, mas nenhuma destaca que culpa também pode ser do professor, pois acham que a educação familiar é base para o trabalho dos docentes. Segundo Vasconcellos (2004), “as causas da indisciplina podem ser encontradas em cinco grandes níveis: sociedade, família, escola, professor e aluno. Devemos nesse sentido, investigar quais são as causas da indisciplina na sala de aula e não apontar um único culpado.”

O fato é de que, no ambiente familiar, os pais (ou responsáveis) agem diferentemente da escola: não orientam seus filhos sobre as atitudes básicas que estes deveriam seguir na escola, ou seja, não há diálogo, nem esclarecimento de regras e limites para as crianças. Muitas vezes a estratégia utilizada pelos pais para disciplinar seus filhos acaba sendo alguma forma de punição, até mesmo o castigo físico. Para tentar evitar essa dicotomia entre a ação da escola e a atitude dos pais, seria preciso que houvesse uma coerência entre a orientação dada pela escola e aquela oferecida pela família.

Durante a observação pôde-se perceber que na aula da professora R a turma se demonstrava indisciplinada por conta do professor, pois não dava aulas dinâmicas que despertasse o interesse dos alunos, deixando-os com momentos ociosos. Dessa forma contribuía para que a turma ficasse indisciplinada.

Entretanto, para essas professoras, a indisciplina está diretamente ligada a problemas familiares, como a falta de uma autoridade na família para impor limites. Ressaltando, também a ausência dos pais na escola.

Por outro lado, é interessante notar que nenhuma apontou aspectos relativos aos professores como falta de motivação, não valorização do aluno, não possuir domínio do conteúdo, falta de estímulos nas aulas, não ter liderança, incompetência profissional e autoritarismo como determinantes da indisciplina. Em contraditórias aos relatos viu-se

que os docentes são também desencadeadores da indisciplina.

3.4 Conceito de aluno indisciplinado/disciplinado na visão do aluno.

Ao realizar a pesquisa, considerou-se importante sondar o próprio aluno sobre sua visão de indisciplina. Foi feito um questionário cujas perguntas objetivaram obter respostas que levassem a concluir de que maneira o aluno percebe o problema da indisciplina em sala de aula.

Obtiveram-se, então, as seguintes respostas:

É um aluno danado. (aluno K)

É um aluno que não estuda, é muito danado. (aluno T)

É uma criança danada e que não se comporta e não respeita as regras da escola. (aluna A. K.)

É um aluno que não gosta de estudar, que é desobediente e não respeita os professores. (aluna S)

É uma pessoa que não gosta de estudar, que fica bagunçando na escola, não respeita os professores e amigos. (aluna D)

Com base nas respostas foi possível perceber que os próprios alunos têm uma visão bem definida sobre o que caracteriza um aluno indisciplinado. Identificou-se nas respostas dos alunos que eles efetuam relações com comportamentos como definição para a indisciplina. Entretanto, ela é compreendida, principalmente, como desrespeito aos outros (professores e colegas) e às regras. Isso levou a concluir que eles têm consciência do comportamento inadequado; embora, muitas vezes, mesmo depois de receber advertências insistam em manter tal comportamento.

Como se pôde depreender a partir do depoimento dos alunos, alguns relacionam indisciplina com não gostar de estudar. Entretanto, durante a observação, foi possível perceber que algumas crianças, embora tivessem dificuldade em seguir as regras, portanto consideradas indisciplinadas, eram muito inteligentes e conseguiam boas notas.

3.5 Auto-avaliação do aluno acerca de seu comportamento.

Os alunos foram levados a refletir sobre sua própria postura em sala de aula. Fez-se uma pergunta de múltipla escolha e obtiveram-se os seguintes resultados: os alunos S, T e D consideraram-se disciplinados; já os alunos A.K e K indisciplinados.

O interessante é ressaltar, que embora saibam diferenciar aluno disciplinado de aluno indisciplinado, eles têm dificuldade em admitir a conduta inadequada em sala de aula. Chegou-se a essa conclusão porque durante a observação pôde-se constatar que os alunos que se consideraram disciplinados também demonstraram ter comportamentos que eles mesmos julgaram ser contrários à disciplina.

Analisando as respostas dos alunos, é possível depreender que eles consideram disciplinado o aluno que não bagunça e respeita a professora e os colegas. Então, para eles, aquele aluno que não faz as tarefas, não estuda, não cumpre com suas responsabilidades, mas fica quieto, impassível pode ser considerado disciplinado.

Dessa forma, a visão dos alunos com relação ao problema ainda não está completamente formada. Por isso é comum ouvir queixas quando são repreendidos pelos professores por, embora calados, não estarem prestando atenção à aula. Muitos não consideram justa a repreensão do professor já que não estavam, no seu dizer, fazendo nada.

3.6 Concepção do aluno sobre as causas da indisciplina.

Obviamente que para chegar a resultados mais conclusivos sobre as causas da indisciplina, foi necessário também questionar os próprios alunos.

O que chamou a atenção foi o fato de eles não atribuírem a si mesmos e aos professores a culpa pelo comportamento inapropriado. Todos, sem exceção, julgaram os pais como os únicos responsáveis, como reproduzir-se-á a seguir:

Porque os pais não educam seus filhos. (aluno K)

Porque pai e mãe não dão educação para as crianças. (aluno T)

Porque os pais não dão limites, não ensinam os filhos a serem comportados. (aluna A. K)

A culpa é dos pais, pois educação vem de berço. (aluna S)

Porque não recebem educação dentro de casa. (aluna D)

Os dados levantados permitiram concluir que a visão das crianças é de que a culpa seja somente dos pais. Mas pôde-se analisar de maneira geral que em alguns casos está localizada no professor que tem atitudes permissivas em relação a vários comportamentos, não definindo claramente as regras bem como as consequências em caso de seu não cumprimento.

A maioria das professoras não tendo atribuído a si mesmas a responsabilidade pela indisciplina em sala de aula, faz do problema um jogo de “empurra-empurra”, onde ninguém assume seu papel, contribuindo assim para o agravamento da situação.

Essa atitude e o fato de dizerem repetidas vezes aos alunos que a culpa de eles serem desobedientes deve-se aos pais, provavelmente incutiu nos alunos essa ideia. O que justifica o fato de todos eles terem o mesmo discurso, ou seja, que a família é a principal responsável pela indisciplina de seus filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa apresentada, teve-se o propósito de identificar e analisar as principais causas da indisciplina na escola São Francisco dos Capuchinhos compreendendo o motivo pelo qual as crianças são indisciplinadas, analisando sua interferência no processo de ensino aprendizagem. E, para chegar aos objetivos, pôde-se contar com a colaboração de cinco professoras e cinco educandos da instituição de ensino pesquisada.

Diante do desafio de conhecer as causas da indisciplina escolar, propôs-se uma pesquisa qualitativa. Para chegar ao resultado, utilizou-se como instrumentais a observação e o questionário que ajudou a compreender o pensamento de cada um sobre a vivência, conceito e as causas da indisciplina. No entanto o percurso realizado não foi fácil, perante as dificuldades, como o ambiente observado, pois se percebeu a inquietação tanto das professoras, quanto dos alunos com a presença do pesquisador e contrariedade de alguns docentes ao serem solicitados a responderem o questionário.

Não é tarefa fácil definir as causas da indisciplina, pois, como foi exposto, há muitas relações a serem consideradas. Mas a principal delas, certamente, é entre as instituições família, escola e sociedade que lidam diretamente com os atores dessa problemática: os alunos. São elementos intrinsecamente ligados, em que quando a consequência é a indisciplina obviamente que um, ou todos estes elementos estão em grave desarmonia.

O que se deve compreender é que não é através do jogo de empurra-empurra das responsabilidades de cada um que se chegarão às soluções necessárias para estancar o problema e fazer com que o ambiente escolar e o momento da aprendizagem se tomem prazerosos para todos os sujeitos (professores e alunos).

É possível sim uma sala de aula cujos alunos estejam comprometidos com o processo de aquisição do saber e onde os professores sejam capacitados para lidar com as mais diversas situações que possam vir a ocorrer.

De certo que a família tem um papel muito importante nesse jogo. Mas não se pode atribuir somente a ela a culpa. A escola e os professores têm que agarrar a responsabilidade com competência, autonomia e destreza. Os alunos devem confiar na instituição. Devem-se estabelecer desde o início as regras e o porquê de sua necessidade.

É importante que a família também conheça todas as regras e concorde em apoiá-las. Não é possível conseguir fazer um trabalho a contento se família e escola não andarem de mãos dadas na consecução do objetivo de educar o filho/aluno.

E, embora, muitas vezes a família falhe no desempenho de suas competências, não cabe à escola responsabilizá-la de forma exclusiva pelo problema da indisciplina na sala de aula.

Parece fácil, talvez para o senso comum, partir diretamente para a busca de culpados e vítimas da indisciplina, porém, uma reflexão devidamente embasada em teoria científica, esclarece que, determinar estes papéis requer muita atenção, pois não se pode apontar a culpa somente para um, mas todos os envolvidos também contribuem para essa problemática.

Diante disso, levaram-se também as professoras a refletir sobre suas atitudes acerca de um aluno indisciplinado, a fim de mudar ou ampliar o universo da sua sala de aula. Quanto às respostas apresentadas na entrevista, pôde-se perceber que muitas delas procuraram diversas maneiras para melhorar no que se trata da questão indisciplinar dos alunos, e para isso é necessário uma constante formação.

Para o pesquisador este trabalho foi muito importante. Principalmente para quem está prestes a sair do mundo acadêmico, que normalmente privilegia mais a teoria, poder vivenciar a prática educacional e ter a oportunidade de analisar alguns aspectos do que acontece na rotina das escolas é essencial para o graduando.

Planejar e executar uma pesquisa é gratificante quando se conseguem alcançar os objetivos pretendidos. Apesar do trabalho não se bastar em si, ele certamente será um passo inicial na busca da conquista de uma prática educativa de excelência.

Perante os resultados da investigação, as considerações aqui propostas não esgotam o assunto. Pode-se perceber que o presente estudo não se dá por concluído, tendo o intuito de ser continuado, pois o tema é amplo e deve sustentar-se em outras áreas de estudo.

REFERÊNCIAS

- ✦ AQUINO, Júlio Groppa (organizador). **Indisciplina na escola – Alternativas teóricas e práticas**. 13ª edição. São Paulo: Summus Editorial, 1996.
- CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Saberes Docentes e Autonomia dos professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- D'ANTOÌA, Arlete. **Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo**. São Paulo: EPU (temas básicos de educação e ensino), 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- ✦ LA TAILLE, Y. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. In: Aquino, J. G. *A indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. 1 edição. São Paulo: Summus, 1996.
- MIELNIK, Isaac. **O Comportamento Infantil: Técnicas e Métodos para entender Crianças**. 2.ª edição, São Paulo: Ibrasa, 1982.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Esboço de crítica à escola disciplinar**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Edições Loyola, 2004.
- NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades**. In: Caderno de Pesquisas em Administração. São Paulo, v.1, n. 3, 2º sem. 1996.
- OLIVEIRA, Maria Izete. **Indisciplina escolar, determinações, consequências, e ações**. Brasília: Liberlivro, 2005.
- ✦ PARRAT-DAYAN, Silvia. et al. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.
- RICHARDSON, Roberto Jarry e Colaboradores. **Pesquisa Social: Métodos e técnicas**. 3. ed. -7. Reimpr. - São Paulo: Ed. Atlas, 2007.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 40ª Ed. Revisada. Campinas: autores associados, 2008. Vol. 5.
- TAVARES, Mauro Calixta. **Reflexões sobre a escola - Com a palavra os pais, os alunos e os professores do ensino fundamental**. Curitiba: Juruá, 2008.
- ✦ TIBA, Içami. **Disciplina- Limite na medida certa**. 1 ed. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **(IN)disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** 15ª ed. São Paulo: Editora Libertad, 2004 (Cadernos Pedagógicos do Libertad, v. 4).

_____. **O legado educacional no século XX no Brasil.**- 2 Ed.- Campinas, SP: Autores associados, 2006.- (coleção educação contemporânea).

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Question%C3%A1rio> > Acesso em: 02 de maio de 2010, 18:30:22.

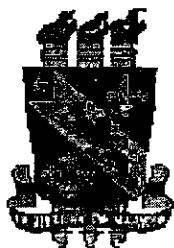
APÊNDICES

APENDICE B – Roteiro da observação das aulas das professoras

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

1. Observar a relação do professor e aluno.
2. Observar o comportamento dos alunos se são indisciplinados.
3. Observar as atitudes dos professores com relação a indisciplina.
4. Observar como é a disciplina dos alunos.
5. O que ocasiona a indisciplina?

APENDICE C – Questionário



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ- UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
DISCIPLINA: PRÁTICA E PESQUISA EDUCACIONAL IV

ENTREVISTA PROFESSOR

1. Qual a sua formação acadêmica?

2. Qual seu tempo de trabalho?

- Alguns meses Mais de três anos
 Mais de um ano Mais de dez anos

3. E nessa escola, há quanto tempo atua?

4. Você vivencia ou já vivenciou a indisciplina na sala de aula?Quais tipos?

5. Em sua opinião quais as principais causas que levam os alunos a serem indisciplinados?

6. Quais as suas atitudes diante de um aluno/turma indisciplinado?



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ- UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE AVEZ DE OLIVEIRA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
DISCIPLINA: PRÁTICA E PESQUISA EDUCACIONAL IV

ENTREVISTA ALUNO

1. O que é indisciplina para você?

2. Para você, o que é um aluno indisciplinado?

3. Para você o que é um aluno disciplinado?

4. Você se considera um aluno?

() disciplinado

() indisciplinado

5. Para você, o que leva um aluno a ser indisciplinado?